

Sarney pretende tornar Arena

SÃO PAULO (O GLOBO) — "A Arena deve transformar-se, através da definição de um corpo doutrinário, em partido de centro, reformista e com tendência social-democrata" — disse ontem o Presidente do Partido, Senador José Sarney.

O Senador reuniu-se com as principais lideranças arenistas de São Paulo e após transmitir suas idéias a respeito da reestruturação da agremiação, anunciou a elaboração do Plano Nacional de Ação Integrada, a ser entregue no final de março, à direção arenista.

O senador, nas sucessivas reuniões mantidas ontem, ressaltou a importância que dá às lideranças do Estado e abordou o tema das divergências entre arenistas; a necessidade de agilização do partido, sua definição doutrinária e manifestou a ambição de que este deixe de ser "o partido do Governo" para ser "o partido no Governo".

Sarney reuniu-se, acompanhado pelo futuro Secretário-Geral da Arena, Deputado Prisco Viana, e pelo presidente da seção paulista do Partido, Cláudio Lembo, com o Prefeito Olavo Setúbal, no Ibirapuera; com o Governador eleito Paulo Maluf, o Senador indireto Amaral Furlan e cinco deputados federais, na Associação Comercial; com membros do diretório Regional, na sede do partido, no subsolo da Câmara Municipal; e com os ex-Governadores Abreu Soárez, Lucas Garcez, Carvalho Pinto e Laudo Natel. Além de almoçar com o Governador Paulo Egydio Martins, na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes.

O encontro com Maluf demorou mais de uma hora. De parte da reunião participaram diversos deputados federais, o que não estava previsto no programa inicial.

PARTIDO REFORMISTA

— A Arena precisa ser um partido moderno, com estruturas capazes de interpretar e refletir a opinião de segmentos da sociedade. Não queremos ser o partido do Governo, mas o partido no Governo. A Arena deu o respaldo necessário à fase de exceção, a fase revolucionária. Deu o respaldo necessário à aprovação das reformas políticas, que acabaram com os atos de exceção, devolvendo ao país a normalidade institucional. Agora, ela precisa se estruturar como partido capaz de dar o necessário respaldo ao Governo do General Figueiredo, para que possa fazer realidade das suas palavras: "Hei de fazer deste país uma democracia".

Sarney definiu esta sua posição em discurso a correligionários arenistas na sede do partido e explicou que a Arena precisa cumprir alguns pré-requisitos para se viabilizar como partido moderno.

— Precisamos — disse — criar uma estrutura eficiente, que cumpra seu papel arregimentador, aglutinador. Precisamos também integrar as seções estaduais e federal do partido com o Governo, para que a Arena esteja no Governo. E não seja do governo. É necessário também que estabeleçamos um corpo doutrinário, de forma a que em torno dele

se forme a ação partidária. Deve ser um partido de centro. E portanto sem pressões ideológicas de direita ou esquerda. Reformista, porque a personalidade do brasileiro e dos membros da Arena não deve ser conservadora. Social-democrata, porque é o que se aplica e do que necessita a sociedade moderna industrial que representamos.

Sarney rebateu as críticas à atuação da Arena, que não seguiria seu próprio programa partidário, especialmente no que diz respeito às eleições diretas, explicando a transitória natureza dos programas partidários. Disse que "o corpo doutrinário é que deve ser permanente, pois os programas mudam com os acontecimentos".

— Vivíamos uma fase revolucionária até 31 de dezembro passado. Agora entramos no aprimoramento democrático, que exige uma firmeza de conceitos à qual tem que corresponder uma nova fase de ação partidária — explicou Sarney.

NÃO AO PASSADO

Apesar de admitir que a Arena precisa e tem procurado setores diversos da sociedade, inclusive aqueles que foram alijados do processo político ao longo da Revolução, Sarney disse que o contato com políticos exilados como Brizola e Arraes não se faz necessário, "porque eles se inclinam, ao que se sabe, para o lado do MDB, e porque não queremos, de maneira alguma, uma volta ao passado".

— Isso não quer dizer, absolutamente, que a Arena rejeita alguma faixa da população, ou deixa campo de ação para o MDB. Evidentemente, faremos contato e iremos a todos, mas não devemos voltar ao passado, e sim ir para a frente.

José Sarney, que após a reunião com Maluf e uma rápida entrevista à imprensa dirigiu-se para a Arena, repetiu várias vezes qual o teor de conversa que pretende ter com o presidente do MDB, Deputado Ulysses Guimarães, em março próximo, após sua volta da Europa. Explicou que acredita na necessidade de fortalecimento dos partidos, que considera ferramentas essenciais para a total normalização institucional brasileira:

— Abordarei com o Deputado Ulysses problemas de ordem partidária. Acredito que a solução dos problemas nacionais, que não será conseguida se os partidos não forem fortes e sua ação fortalecida por via de consequência. É claro que ouviremos as sugestões do MDB, pois como disse o poeta "dialogar é primeiro ouvir e depois falar". Queremos negociar um projeto político global, o que significa que todos os assuntos poderão ser, afinal, conversados.

Para o presidente da Arena, posições como a divulgada pelo presidente do MDB, de que a conciliação deve passar primeiro pela concessão da anistia e da convocação de uma Assembléa Nacional Constituinte, dificultam o diálogo. Sarney disse que "não se pode sentar à mesa de negociações com posições fechadas, que levam sempre a um impasse".

— A conciliação foi proposta, por um gesto do futuro Presidente Figueiredo. A anistia, já se sabe, está posta à mesa de negociações. Sou favorável a ela. Desde que não seja uma fórmula que em vez de conciliar venha a dividir mais ainda. Em outras palavras, ela não pode atingir aos níveis criminais — afirmou.

DOIS PESOS

Ao ouvir de jornalistas, uma pergunta referente à dualidade de atitudes adotada pelo Governo Federal, que teria deixado o Governador eleito Paulo Maluf, "entregue à própria sorte e na iminência de uma derrota política no Estado", enquanto estaria negociando com o MDB gaúcho uma solução para a aprovação do nome indicado pelo Governador eleito Amaral de Souza para a Prefeitura de Porto Alegre, o presidente da Arena respondeu:

— O MDB é que vem adotando dois pesos e duas medidas. Aqui a questão foi fechada, a coisa foi radicalizada. Lá no Rio Grande do Sul, não. A posição do MDB paulista foi lamentável, porém legítima. Lamentável, porque evidenciou um desejo de pressionar o Congresso. Foi legítima porque a Constituição dá o direito e a atribuição de vetar o nome do prefeito. Mas lamentável, porque sabemos os efeitos desastrosos que ocorreram quando, no passado, o Congresso foi pressionado e coagido. Temos é que fortalecer-lo. Possibilidade de intervenção federal no Estado, no entanto, não existe, no meu entender. Seria uma solução violenta, que não é o que se pretende.

José Sarney não quis definir sua posição em relação a Emenda Mauro Benevides (MDB-CE) e tampouco em relação a Emenda Gastão Müller (ARENA-MT), afirmando que ambas não foram ainda apresentadas ao Congresso e que, portanto, por prudência, não pode adiantar nada.

PAULO EGYDIO

Da sede da Arena, às 12h40m, o Senador Sarney seguiu, em companhia do futuro Secretário Geral da Arena e do presidente da Arena Paulista, para o Palácio dos Bandeirantes, onde almoçou com o Governador Paulo Egydio Martins. Na garagem da Câmara Municipal, antes de embarcar no Dodge que o levaria ao Morumbi, foi abordado pelo Deputado Francisco Rossi, ex-prefeito de Osasco. Após ouvir sérias queixas da estrutura paulista da Arena (Rossi queixa-se de ser marginalizado pelas lideranças do partido) teve que explicar qual o significado de sua definição para a "nova Arena":

— Quando falei em partido de centro — disse a Francisco Rossi e a Ademar de Barros, deputado estadual ligado ao ex-Governador Laudo Natel —, me referi a uma posição de equilíbrio, sem vinculação a ideologias de esquerda ou de direita, sem compromissos outros que os assumidos com a justiça social. Falei em partido reformista porque há partidos de centro que são conservadores, e não é essa a característica necessária à Arena. Social — democrata, por fim, em razão das características da sociedade industrial brasileira que representa.

Social-democrata